

EDITORIAL**HUMANIDADES MÉDICAS E SAÚDE GLOBAL: LITERATURA,
ÉTICA E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS****EDITORIAL****MEDICAL HUMANITIES AND GLOBAL HEALTH: LITERATURE,
ETHICS AND CONTEMPORARY CHALLENGES**

As Humanidades médicas emergem na década de 1970, nos Estados Unidos, num contexto histórico marcado pela contestação à crescente tecnicização da medicina. Este campo pluridisciplinar inscreve-se num movimento mais amplo de interesse das ciências humanas e sociais pela medicina, desenvolvendo-se gradualmente com o objetivo de reintegrar as dimensões éticas, culturais e sociais no âmago do ato médico (Hurwitz, 2015; Fantini & Lambrichs, 2014; Bonnah et al., 2024). Esta evolução encontra um momento decisivo nas reflexões sobre a bioética e a relação médico-doente que Jonsen e Toulmin (1988) desenvolveram no quadro da casuística em medicina, num período em que a sociedade americana tomava consciência do papel determinante dos médicos nas decisões sobre a vida.

Na Europa, particularmente no espaço francófono, as humanidades médicas são devedoras dos trabalhos fundamentais de Georges Canguilhem, filósofo da medicina (Canguilhem, 1983), Jean Starobinski, crítico literário e historiador da cultura (Starobinski, 1963), e Gérard Danou, médico e especialista nas relações entre literatura e medicina (Danou, 1994; Danou, 2007/2015). Enriquecidas pelos contributos da fenomenologia e das ciências sociais, as Humanidades médicas questionam o lugar da pessoa no sistema de cuidados. Contudo, a vontade de rehumanizar a medicina conduziu, por vezes, a uma confusão entre humanidades, humanismo e humanitarismo (Gaille & Foureur, 2010; Wenger, 2011).

A literatura constitui, desde tempos imemoriais, um espaço privilegiado para interrogar a condição humana, as experiências de doença e saúde, bem como as complexas relações entre o indivíduo e o seu ambiente (Cabral & Danou, 2015; Cabral, Almeida & Danou, 2017). Jean Starobinski (1977) desvela uma cisão fundamental na medicina moderna, herdada do pensamento cartesiano: a separação entre ciência e sensibilidade. Esta cisão não se configura, todavia, como oposição, mas como complementaridade necessária.

A medicina narrativa, que emerge no final dos anos 1980 nos Estados Unidos, fundamenta-se na integração das humanidades médicas numa abordagem interdisciplinar (Charon et al., 2017). Inspirada na noção de identidade narrativa de Ricœur (1990), desenvolve-se através de três eixos: temporalidade, singularidade e intersubjetividade. A competência narrativa (Charon, 2001) implica uma escuta atenta dos relatos dos doentes, que não se limitam a sintomas biológicos, mas revelam dimensões emocionais e contextuais da experiência vivida. No entanto, como adverte Woods (2011), é necessário evitar a sobre-extensão do conceito de narrativa, reconhecendo a especificidade das diferentes formas de expressão no campo médico.

Os imaginários de antecipação constituem um terreno privilegiado para explorar as questões bioéticas contemporâneas, permitindo testar simbolicamente os limites do humano através de cenários especulativos que ultrapassam as abordagens filosóficas clássicas. Como evidenciam os trabalhos de Hottois (1984, 2017), esta dimensão prospetiva revela-se fundamental para pensar as novas dimensões da responsabilidade numa civilização tecnológica onde a autonomia crescente da técnica questiona a nossa capacidade de decisão e a própria essência do humano (Jonas, 1979). Os dilemas sobre o transhumanismo e a inteligência artificial encontram assim na literatura um verdadeiro laboratório de problematização ética (Cabral & Mamzer, 2022).

No século XXI, enquanto o futuro das humanidades continua a ser amplamente discutido (Aguiar e Silva, 2010; Citton, 2013), as humanidades médicas enfrentam desafios inéditos. Bleakley (2024) sublinha a urgência de ultrapassar uma conceção estreita da saúde para interrogar os laços essenciais entre saúde humana e ambiental. Esta perspetiva, alinhada com o conceito One Health da Organização Mundial da Saúde, é reforçada por Lesne, Gnansia e Laurent (2021), que sublinham a necessidade de incluir nas prioridades planetárias o combate às ameaças à saúde, seja ela humana, animal ou vegetal.

Neste contexto de transformações profundas nas práticas de cuidado, bem como diante dos desafios sanitários e ambientais contemporâneos, este número da *Revista 2i* propõe-se explorar as evoluções e as novas perspetivas deste campo em constante mutação.

Os artigos que integram a secção temática propõem diferentes leituras sobre as Humanidades Médicas, debruçando-se sobre o papel das narrativas, da espiritualidade, da linguagem e da relação com a natureza na renovação das práticas de cuidado e reflexão ética contemporânea. As abordagens reunidas evidenciam o diálogo fecundo entre literatura, filosofia, ética e medicina, no horizonte da saúde global e da sustentabilidade humana e planetária.

Andrea Friedrichsen, Anette Nielsen e Anders Rasmussen examinam, no primeiro artigo, o potencial terapêutico da escrita criativa e da leitura em voz alta junto de pessoas em tratamento de fertilidade. A partir de um projeto interdisciplinar desenvolvido na Universidade de Copenhaga, os autores demonstram como a prática de escrita e leitura partilhada contribui para transformar narrativas de sofrimento em experiências de autocompreensão e reconstrução identitária, sublinhando a relevância da hermenêutica narrativa nos contextos de saúde.

António de Vasconcelos Nogueira reflete sobre a condição humana perante a morte, articulando medicina, filosofia, teologia e psicologia numa perspetiva interdisciplinar. Com base num caso clínico relatado por Ana Cláudia Quintana Arantes, o autor evidencia a importância da espiritualidade e da fé na adaptação ao fim da vida e defende a integração do cuidado espiritual na prática clínica, lembrando que vida e morte são dimensões inseparáveis da experiência humana.

Carlos Eduardo Pompilio, Elieni Caputo e Hélio Plapler propõem uma teoria da comunicação em saúde fundada na relação entre linguagem, subjetividade e conhecimento. Recuperando a crítica humboldtiana ao modelo kantiano e dialogando com a hermenêutica contemporânea, os autores sublinham a centralidade da linguagem no encontro clínico e defendem uma medicina mais sensível, intersubjetiva e inclusiva, sustentada por uma ética do diálogo.

Fernando César de Souza explora as práticas de reconexão com a natureza – designadamente os Banhos de Floresta – como caminhos de autocuidado e bem-estar para profissionais de saúde no Estado de São Paulo. Com base em experiências imersivas realizadas entre 2023 e 2025, o autor demonstra como a integração entre corpo e ambiente

contribui para a saúde planetária e para a formação de profissionais conscientes da interdependência entre o humano e o ecológico.

Gustavo Andrade e Juliana Salvadori analisam, em “Quando Werther vai à terapia”, o diálogo entre literatura e psicologia clínica a partir de uma leitura contemporânea do *Werther de Goethe*. O artigo examina a medicalização do sofrimento amoroso e a construção simbólica da escuta terapêutica, propondo uma reflexão crítica sobre a relação entre emoção, subjetividade e saúde mental. A literatura surge aqui como instrumento de compreensão das dores humanas e dos modos de narrar o sofrimento.

Julia Pröll revisita, numa perspetiva feminista e intermedial, as representações da histeria através de obras literárias e cinematográficas – de *Madame Bovary* ao filme *Augustine* (2012) e ao romance *Le bal des folles* (2019). A autora demonstra como essas narrativas subvertem o olhar clínico patriarcal e recuperam a voz das mulheres que foram objeto da observação médica. A histeria é reinterpretada como espaço de resistência e de emancipação simbólica, revelando a pertinência ética da ficção na crítica da história da medicina.

Mara de Sousa Freitas propõe uma leitura ética e humanista da autobiografia de Paul Kalanithi, *When Breath Becomes Air*, explorando a transição do neurocirurgião para a condição de doente oncológico. A análise destaca a empatia, a escuta e a comunicação como fundamentos do cuidado, valorizando a literatura como mediação entre ciência e humanidade. A autora sublinha a relevância pedagógica da narrativa pessoal como recurso para a formação ética de profissionais de saúde.

Natividad Garrido Rodríguez examina as relações entre medicina e literatura a partir do romance *Futuro imperfecto* (2014), de Xulia Alonso, integrando as abordagens da medicina narrativa e do perspetivismo filosófico. A autora evidencia a importância epistemológica da perspetiva do paciente e da experiência subjetiva da doença, demonstrando que a literatura se constitui como espaço de expressão do saber experiencial e de reflexão sobre a prática médica centrada na pessoa.

Peter Haysom-Rodríguez encerra a secção com um estudo sobre o documentário *Bixa Travesty* (2018), de Claudia Priscilla e Kiko Goifman, propondo uma leitura queer da doença oncológica no cinema brasileiro contemporâneo. O artigo examina como o corpo da artista Linn da Quebrada, mulher trans e negra, é simultaneamente espaço de vulnerabilidade e de resistência, associando a experiência do cancro à afirmação de identidades não normativas. A análise demonstra de que modo o filme transforma a experiência da doença em gesto político e performativo, oferecendo uma perspetiva libertadora sobre o corpo, a saúde e a diferença.

Na secção *Vária*, **Laécio Fernandes de Oliveira e Linduarte Pereira Rodrigues** analisam, em “Cultura da convergência e relações intermidiáticas em *Assassin’s Creed*”, o diálogo entre literatura, videojogos e cinema. A partir dos conceitos de intermedialidade e transmedialidade, os autores examinam como a franquia *Assassin’s Creed* traduz mitos históricos e religiosos em novas linguagens digitais, exemplificando a cultura da convergência e a transformação das narrativas na era mediática.

Este número dedicado às Humanidades Médicas e à Saúde Global conclui-se com três entrevistas e duas recensões, que prolongam, em registo dialógico e crítico, as interrogações centrais sobre o cuidado, a linguagem e a criação.

Na entrevista “Intermediality Studies: an Overview”, **Eunice Ribeiro e Xaquín Núñez Sabarís**, diretores da *Revista 2i*, participam numa reflexão com Ágnes Pethő sobre o estado atual dos estudos intermediais. A conversa, publicada na *Acta Universitatis Sapientiae – Film and Media Studies* (2024), aborda os desafios teóricos e metodológicos de um campo em constante expansão, questionando as suas fronteiras disciplinares e a

necessidade de novos instrumentos críticos capazes de responder ao hibridismo dos objetos culturais contemporâneos.

Em “Former le regard, transformer le soin par la littérature”, **Maria de Jesus Cabral** entrevista **Gérard Danou**, médico, ensaísta e pioneiro das Humanidades Médicas em França. O diálogo percorre as relações entre literatura e prática clínica, a pedagogia do “devenir médico” e a importância da leitura e da escrita na formação ética dos profissionais de saúde. Danou defende uma “clínica do olhar e da linguagem” que restitui ao ato de cuidar a sua dimensão relacional e reflexiva, integrando as humanidades como parte essencial do gesto terapêutico.

Manuel Barreiro de Acosta, gastroenterologista e investigador galego, é o interlocutor de **Xaquín Núñez Sabarís** na entrevista “A xeografía e a cultura inflúen moito en todos os ámbitos sociais e, dende sempre, na saúde”. A conversa evidencia a influência dos contextos geográficos e culturais nas práticas médicas, destacando a importância da empatia e da comunicação na relação entre ciência, território e comunidade.

Duas recensões encerram o número, prolongando o diálogo entre literatura, ética e criação.

Na sua recensão, **Cristina Álvares** apresenta o ensaio *La condition animale de l'homme moderne* (2024), da socióloga e escritora francesa de origem marroquina Kaoutar Harchi, que examina a constituição da chamada ordem zoossocial no Ocidente moderno. Entre reflexão política e registo autobiográfico, Harchi revisita a longa história da relação entre o humano e o animal, entre o poder e o vivente, propondo uma leitura das formas de violência e de domesticação que atravessam a modernidade e as suas heranças.

Por fim, o número inclui uma recensão de **Maria de Jesus Cabral** ao volume *Mallarmé entre les arts* (2024), de Jean-Nicolas Illouz, obra recentemente distinguida com o “Prix Henri Mondor” da Academia Francesa. O estudo revisita a obra de Mallarmé a partir do diálogo entre literatura, música e artes visuais, mostrando como a poesia se reinventa ao atravessar o espaço partilhado das artes. Illouz propõe uma leitura intermedial da modernidade mallarmeana, em que o poema, o som e a imagem se tornam lugares de passagem e de reflexão crítica sobre o próprio ato de criação.

*Maria de Jesus Cabral**
Marie-France Mamzer

Medical Humanities emerged in the 1970s in the United States, in a historical context marked by opposition to the increasing technicization of medicine. This interdisciplinary field is part of a broader movement of interest from the humanities and social sciences in medicine, gradually developing with the aim of reintegrating ethical, cultural, and social dimensions at the heart of medical practice (Fantini & Lambrichs, 2014; Bonnah et al., 2024). This evolution reached a decisive moment in the reflections on bioethics and the doctor-patient relationship developed by Jonsen and Toulmin (1988) within the

* Esta publicação foi desenvolvida no âmbito do CLLC, Unidade de I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no quadro do projeto UID/4188/2025.

framework of medical casuistry, at a time when American society was becoming aware of physicians' determining role in decisions about life.

In Europe, particularly in the Francophone sphere, medical humanities are indebted to the fundamental works of Georges Canguilhem, philosopher of medicine (Canguilhem, 1983), Jean Starobinski, literary critic and cultural historian (Starobinski, 1963), and Gérard Danou, physician and specialist in literature-medicine relationships (Danou, 1994; Danou, 2007/2015). Enriched by contributions from phenomenology and social sciences, Medical Humanities question the place of the person in the healthcare system. However, the desire to rehumanize medicine has sometimes led to confusion between humanities, humanism, and humanitarianism (Gaille & Foureur, 2010; Wenger, 2011).

Literature has, since time immemorial, been a privileged space for interrogating the human condition, experiences of illness and health, as well as the complex relationships between individuals and their environment (Cabral & Danou, 2015; Cabral, Almeida & Danou, 2017). Jean Starobinski (1977) reveals a fundamental division in modern medicine, inherited from Cartesian thought: the separation between science and sensibility. This division, however, does not configure itself as opposition but as necessary complementarity.

Narrative medicine, emerging in the late 1980s in the United States, is grounded in the integration of medical humanities within an interdisciplinary approach (Charon et al., 2017). Inspired by Ricoeur's notion of narrative identity (1990), it develops through three axes: temporality, singularity, and intersubjectivity. Narrative competence (Charon, 2001) implies attentive listening to patients' stories, which are not limited to biological symptoms but reveal emotional and contextual dimensions of lived experience. However, as Woods (2011) warns, it is necessary to avoid over-extending the concept of narrative, recognizing the specificity of different forms of expression in the medical field.

Anticipatory imaginaries constitute a privileged terrain for exploring contemporary bioethical questions, allowing for symbolic testing of human limits through speculative scenarios that transcend classical philosophical approaches. As evidenced by Hottois's works (1984, 2017), this prospective dimension proves fundamental for considering new dimensions of responsibility in a technological civilization where the growing autonomy of technique questions our decision-making capacity and the very essence of the human (Jonas, 1979). The dilemmas of transhumanism and artificial intelligence thus find in literature a genuine laboratory for ethical problematization (Cabral & Mamzer, 2022).

In the twenty-first century, while the future of humanities continues to be widely discussed (Aguiar e Silva, 2010; Citton, 2013), medical humanities face unprecedented challenges. Bleakley (2024) emphasizes the urgency of moving beyond a narrow conception of health to interrogate the essential links between human and environmental health. This perspective, aligned with the World Health Organization's One Health concept, is reinforced by Lesne, Gnansia, and Laurent (2021), who emphasize the need to include health threats – whether human, animal, or plant – among planetary priorities.

In this context of profound transformations in care practices, as well as in face of contemporary health and environmental challenges, this issue of the *2i Journal* proposes to explore the evolutions and new perspectives of this constantly evolving field.

The articles gathered in the thematic section offer diverse readings of the Medical Humanities, focusing on the roles of narrative, spirituality, language, and the human relationship with nature in renewing practices of care and ethical reflection. Together, these studies reveal the fertile dialogue between literature, philosophy, ethics, and medicine, within the broader horizon of global health and planetary sustainability.

Andrea Friedrichsen, Anette Nielsen, and Anders Rasmussen examine the therapeutic potential of creative writing and reading aloud among individuals undergoing

fertility treatment. Based on an interdisciplinary project developed at the University of Copenhagen, the authors show how collective writing and reading practices transform narratives of suffering into experiences of self-understanding and identity reconstruction, highlighting the importance of narrative hermeneutics in healthcare contexts.

António de Vasconcelos Nogueira reflects on the human condition in the face of death, interweaving medicine, philosophy, theology, and psychology in an interdisciplinary perspective. Drawing on a clinical case narrated by Ana Cláudia Quintana Arantes, he underscores the relevance of spirituality and faith in adapting to the end of life, arguing for the integration of spiritual care into clinical practice and affirming that life and death are inseparable dimensions of human experience.

Carlos Eduardo Pompilio, Eleni Caputo, and Hélio Plapler propose a theory of health communication grounded in the relationship between language, subjectivity, and knowledge. Revisiting Humboldt's critique of Kantian epistemology and engaging with contemporary hermeneutics, they emphasize the centrality of language in clinical encounters and advocate for a more dialogical, empathetic, and inclusive model of medicine.

Fernando César de Souza investigates practices of reconnection with nature – particularly *Forest Bathing* – as pathways of self-care and well-being for healthcare professionals in São Paulo. Based on immersive experiences carried out between 2023 and 2025, the study demonstrates how the integration of body and environment promotes planetary health and fosters ecological awareness among health practitioners.

Gustavo Andrade and Juliana Salvadori, in “When Werther Goes to Therapy”, analyze the dialogue between literature and clinical psychology through a contemporary rereading of Goethe’s *Werther*. The article explores the medicalization of romantic suffering and the symbolic construction of therapeutic listening, offering a critical reflection on emotion, subjectivity, and mental health.

Julia Pröll revisits, from a feminist and intermedial perspective, representations of hysteria across literary and cinematic works—from *Madame Bovary* to *Augustine* (2012) and *Le bal des folles* (2019). The author shows how these narratives subvert the patriarchal medical gaze and recover the voices of women once objectified by clinical observation, reinterpreting hysteria as a space of resistance and symbolic emancipation.

Mara de Sousa Freitas offers an ethical and humanistic reading of Paul Kalanithi’s autobiography *When Breath Becomes Air*, focusing on the physician’s transition to the role of cancer patient. Her analysis highlights empathy, listening, and communication as foundations of care, presenting literature as a medium that bridges science and humanity and as a pedagogical resource for the ethical training of health professionals.

Natividad Garrido Rodríguez examines the intersection of medicine and literature through the novel *Futuro imperfecto* (2014) by Xulia Alonso, combining insights from narrative medicine and perspectivist philosophy. The article demonstrates the epistemological importance of the patient’s perspective and the subjective experience of illness, positioning literature as a space for expressing experiential knowledge and for rethinking patient-centered medical practice.

Peter Haysom-Rodríguez concludes the thematic section with a study of the documentary *Bixa Travesty* (2018), directed by Claudia Priscilla and Kiko Goifman. His essay offers a queer reading of cancer in contemporary Brazilian cinema, exploring how the body of artist Linn da Quebrada—Black and transgender—becomes a site of both vulnerability and resistance. The analysis reveals how the film transforms illness into a political and performative gesture, offering a liberating vision of body, health, and difference.

In the *Varia* section, **Laécio Fernandes de Oliveira** and **Linduarte Pereira Rodrigues** examine, in “Cultura da convergência e relações intermidiáticas em *Assassin’s Creed*”, the dialogue among literature, video games, and cinema. Drawing on the concepts of intermediality and transmediality, the authors analyze how the *Assassin’s Creed* franchise translates historical and religious myths into new digital languages, exemplifying the culture of convergence and the transformation of narrative in the media age.

This issue devoted to Medical Humanities and Global Health concludes with three interviews and two reviews, extending – through dialogue and critique – the central questions surrounding care, language, and creation.

In the interview “Intermediality Studies: an Overview”, **Eunice Ribeiro** and **Xaquín Núñez Sabarís**, directors of *Revista 2i*, take part in a conversation led by Ágnes Pethő on the current state of Intermediality Studies. Originally published in *Acta Universitatis Sapientiae – Film and Media Studies* (2024), the exchange addresses the theoretical and methodological challenges of a constantly expanding field, questioning disciplinary boundaries and the need for critical tools capable of engaging with hybrid cultural objects.

In “Former le regard, transformer le soin par la littérature”, **Maria de Jesus Cabral** interviews **Gérard Danou**, physician, essayist, and pioneer of Medical Humanities in France. Their dialogue explores the relationships between literature and clinical practice, the pedagogy of “becoming a doctor,” and the role of reading and writing in ethical medical education. Danou defends a “clinic of gaze and language” that restores to the act of caring its relational and reflective dimensions, integrating the humanities as an essential part of therapeutic practice.

Manuel Barreiro de Acosta, gastroenterologist and researcher from Galicia, speaks with **Xaquín Núñez Sabarís** in the interview “A xeografía e a cultura inflúen moito en todos os ámbitos sociais e, dende sempre, na saúde”. The discussion highlights the influence of geography and culture on medical practice and underscores the importance of empathy and communication in bridging science, community, and place.

Two reviews close the issue, extending the dialogue between literature, ethics, and creation.

In her review, **Cristina Álvares** introduces *La condition animale de l’homme moderne* by the French sociologist and writer of Moroccan origin Kaoutar Harchi, an essay that examines the constitution of the so-called zoosocial order in modern Western thought. Combining political reflection with autobiographical narrative, Harchi revisits the long history of the relationship between the human and the animal, between power and the living, offering a reading of the forms of violence and domestication that shape modernity and its legacies.

Finally, this issue includes a review by **Maria de Jesus Cabral** of *Mallarmé entre les arts* (2024), by Jean-Nicolas Illouz, a work recently awarded the Prix Henri Mondor of the Académie Française. The book revisits Mallarmé’s oeuvre through the dialogue among literature, music, and the visual arts, showing how his poetry reinvents itself across the shared space of artistic media. Illouz advances an intermedial reading of modernity, in which poem, sound, and image become sites of transition and critical reflection on the creative act itself.

*Maria de Jesus Cabral
Marie-France Mamzer*